

Apresentação

Carlota Boto

Como citar: BOTO, C. Apresentação. *In*: MORTATTI, M. R. L. (org.).

Alfabetização no Brasil: uma história de sua história. Marília: Oficina
Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. i-iii. DOI:

<https://doi.org/10.36311/2011.978-85-7983-178-2.pi-viii>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

APRESENTAÇÃO

Carlota Boto

O tema da história da alfabetização tem sido bastante debatido em nosso país na produção acadêmica contemporânea. Sabe-se que esse é um dos mais significativos objetos de estudo no campo da educação. Como pensar o conceito de escola sem considerar a relevância pedagógica e simbólica do aprendizado da leitura e da escrita? Como compreender a educação moderna sem conceber a habilidade da leitura como requisito de um repertório intrínseco à própria constituição da modernidade? Aliás, em um país como o Brasil, estudar a alfabetização é um dever. Nosso país, como se sabe, não teve — em uma trajetória de longa duração — a educação como prioridade de suas políticas públicas. Sabe-se que avançar no campo da cultura é investir na formação letrada das populações. Sem isso, não chegaremos a qualquer patamar de desenvolvimento sustentável.

O I Seminário Internacional sobre História do Ensino de Leitura e Escrita (I SIHELE) - ocorrido, sob organização da Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário Longo Mortatti, na Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista (UNESP) - campus de Marília, entre 8 e 10 de setembro de 2010 — teve por principal finalidade congregar teóricos e grupos de pesquisa que desenvolvem trabalhos sobre a história da alfabetização, tendo em vista abordar a constituição do campo da história do ensino inicial da leitura e da escrita nas diferentes regiões do Brasil. Na trajetória de uma tradição desbravada por gerações anteriores — destacando-se aqui a primorosa obra de Magda Soares, bem como o consagrado trabalho de Paulo Freire —, Maria do Rosário Longo Mortatti destaca-se como líder no campo da investigação acerca do tema, desde que publicou pela Editora UNESP, no final dos anos 90, sua tese de livre-docência, sob o título *Os sentidos da alfabetização: São Paulo – 1876-1994* — que hoje, pode-se dizer, é a maior referência nacional para os estudos do campo.

Se, nas décadas precedentes, o estudo da alfabetização foi conduzido primordialmente pela interpretação linguística ou pela crítica política, nos anos 90, a tendência predominante foi a de recorrer ao procedimento historiográfico para deslindar a trajetória de práticas escolares, com ênfase na vida cotidiana, nos rituais e nos vestígios

da cultura pedagógica. O pioneirismo da abordagem de Maria do Rosário Longo Mortatti decorre dessa matriz analítica: reconstituir os “sentidos da alfabetização”, perscrutando as cartilhas que, em diferentes tempos, nos foram dadas a ler.

Estudar a alfabetização sempre foi um tema e um problema na produção da pesquisa pedagógica. Compreender a cultura específica produzida no interior da escolarização significa também percorrer os modos pelos quais a escola transpõe didaticamente os conteúdos mais amplos de um acervo cultural que se constituiu historicamente nas diferentes sociedades. A norma culta da língua portuguesa torna-se registro específico, mediante o qual a escola dá a ver sua maneira de lidar com o universo das letras. Ensinar a ler e a escrever é uma forma de construir determinada identidade do sujeito letrado. Essa identidade firma-se progressivamente à luz de determinadas circunscrições históricas e geográficas. Tal identidade tem, ao mesmo tempo, um traçado prescritivo e uma dimensão prática. Ou seja: é possível pensar no trabalho da alfabetização à luz da organização sugerida pelas orientações curriculares, em diferentes momentos e movimentos de nossa trajetória histórica. Mas é possível também compreender como tais sugestões, roteiros e normas se traduzem nas mais diversas práticas do ensino nas salas de aula. Será que, quando os professores fecham as portas, aquilo que eles fazem é o que era suposto que eles fizessem? Como os professores alfabetizadores traduzem no dia-a-dia de suas escolas as maneiras pelas quais eles próprios foram alfabetizados? Até que ponto professores experientes atualizam suas formas de alfabetizar?

Vivemos hoje uma realidade na qual a alfabetização como prática social tem por paralelo a aceção de uma alfabetização digital. Como articular a cultura das letras com a cultura das telas de computador? Presenciamos claramente uma fronteira tecnológica que os especialistas reconhecem ser similar àquela que transferiu o suporte do rolo de papiro para o livro em códice; e depois transformou o livro em códice manuscrito em livro impresso. Hoje trafegamos do livro para a tela, do suporte material do papel para a escrita virtual do computador. De todo modo, convivemos com distintas formas de expressão que se sucedem e que mantêm coexistência. Escrevemos em cadernos, lemos em livros, lemos e escrevemos no computador. A história dos modos de aprender a ler oferece claramente pistas e vestígios que serão operativos para compreendermos o lugar de nossa produção.

Este livro apresenta o conjunto das reflexões desenvolvidas a partir e por inspiração do I SIHELE. Nele poderão ser encontrados relatos acerca das tendências e das diferentes orientações teóricas e metodológicas acerca da história da alfabetização no Brasil. Primeiramente há uma exposição de Maria do Rosário Longo Mortatti sobre as finalidades e os resultados obtidos no I SIHELE. A organizadora desta coletânea mapeia criteriosamente as pesquisas apresentadas no evento, tanto no tocante aos enfoques trabalhados quanto no que se refere ao rol de instituições que participaram.

A seguir, Maria do Rosário Longo Mortatti, juntamente com Fernando Rodrigues de Oliveira, expõem um belo texto de homenagem a Magda Soares. À guisa de tributo, e sublinhando que todos somos herdeiros das trilhas por ela desbravadas, o trabalho de Magda Soares é aqui minuciosamente palmilhado, mediante a confluência entre sua história de vida e a elaboração de sua obra teórica. Com rigor conceitual, mas sem abrir mão da sensibilidade e do afeto, esse capítulo evidencia a relevância da grande educadora expressa na figura humana e intelectual de Magda Soares e da magnífica obra por ela produzida; obra essa que ecoa como diretriz que norteia o caminho dos que vieram depois. Em seguida, a própria Magda Soares “toma a palavra”, elaborando belíssima e comovente narrativa sobre o que eu chamaria aqui de “tempo em profissão”. Evocando mensagem do poeta Manuel Bandeira, Magda recorda sua própria trajetória como pesquisadora, na perspectiva de um voltar-se para trás sem submergir ao olhar da nostalgia. Suas palavras ilustram em poucas páginas a tensa relação entre a obra concluída e o movimento do autor para apreciá-la. Ao voltar-se para a reconstituição do próprio trajeto, Magda Soares evidencia sua grandeza intelectual: ao invés de falar de si mesma, prefere acentuar o que supõe ser a continuidade e as permanências de seu trabalho. Por suas palavras, lemos a generosidade da educadora entremeada ao vigor da estudiosa e ao rigor da pesquisadora. Trata-se de uma mestra. E é assim que Maria do Rosário a apresenta.

Márcia Cristina de Oliveira Mello presta homenagem póstuma ao grande historiador da educação português, que recentemente nos deixou. Intelectual e militante, Rogério Fernandes nunca permitiu que sua vocação intelectual impedisse o pleno engajamento político. Pesquisador e professor, Rogério Fernandes singularizava-se por entretecer conhecimento teórico e tato pedagógico. Por suas mãos, gerações de pesquisadores foram formadas. Rogério Fernandes trabalhou em Portugal com a história do ensino da leitura e da escrita — no campo do que o século XVIII por ele estudado concebia por “primeiras letras”. Seu trabalho *Os caminhos do ABC: sociedade portuguesa e ensino das primeiras letras*, lançado em Portugal no ano de 1994, é a principal referência no campo da produção portuguesa sobre a escolarização primária. A história da educação portuguesa seria outra se não contasse com a inestimável contribuição de Rogério Fernandes para a história da alfabetização. Nos anos mais recentes, Rogério possuía interlocução bastante ampla com inúmeros pesquisadores da história da educação brasileira. Foi ele um dos grandes responsáveis — no campo da educação — pela integração dos caminhos da pesquisa historiográfica portuguesa e brasileira. Com a generosidade que caracterizava sua pessoa, Rogério Fernandes certamente contribuiu para que, lá e cá, aprendêssemos a escrever melhor a história do aprender a ler e a escrever.

Anne-Marie Chartier — em capítulo intitulado “1980-2010: trinta anos de pesquisas sobre a história do ensino da leitura. Que balanço?” — trabalha basicamente a transformação operada no cenário internacional acerca da história da leitura como objeto de investigação. Diz Chartier que, até o início dos anos 80 do século passado, a

história do ensino da leitura era apenas um capítulo da história do ensino. E em 2010, esse cenário foi radicalmente modificado, já que a história da leitura tornara-se indagação prioritária dos estudos da história cultural. Anne-Marie sublinha que a relevância acadêmica dos trabalhos sobre a história do ensino do ler e do escrever conjuga-se com sua inequívoca importância didática. Sendo assim, é na confluência da pedagogia, da linguística e da história que acontecem os estudos acerca do tema. O trabalho de Chartier desenvolve também os modos pelos quais o ensino da leitura vale-se de manuais escolares e estes inscrevem em suas páginas claras mensagens de cariz moral, prescrevendo orientações de pensamentos, de sentimentos e de comportamentos. A história da leitura escolar implica — como adverte a autora — não apenas a compreensão do trajeto dos métodos, mas também da história dos conteúdos culturais que são dados a ler pelas novas gerações. Será que as diferentes gerações, que liam coisas diferentes em suas primeiras experiências de leitura, liam de maneira igual? Ou poder-se-á entender que conteúdo e forma são dois aspectos de um mesmo processo; posto que, alterados os conteúdos que se dão a ler, serão também alteradas as formas de ler? Trabalhando a produção francesa acerca do tema, Chartier comenta o debate clássico acerca dos partidários do método analítico ou global de ensino da leitura e os adeptos do chamado método sintético. A autora conclui recordando que, quaisquer que sejam as perspectivas em tela, pensar o aprendizado da leitura requer muito mais do que uma questão técnica. É imprescindível estabelecer nexos entre modos de aprender a ler, dinâmicas intrínsecas ao texto e contextos específicos que conferem suporte tanto à letra do texto quanto à prática da leitura. Assim, questões como a desigualdade social e seus prolongamentos nas desigualdades escolares, bem como as clivagens sociais que determinam a seleção de elites culturais, são igualmente elementos-chave do trabalho de Anne-Marie Chartier. Remetendo-se à longa duração, a autora francesa ilumina o debate brasileiro, oferecendo pistas metodológicas para a compreensão do objeto.

Maria do Rosário Longo Mortatti, em “Contribuições do GPHELLB para a constituição do campo da história da alfabetização no Brasil”, debruça-se sobre a análise dos trabalhos desenvolvidos no âmbito do Grupo de Pesquisa História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil. Essa equipe, criada em 1994 na Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP de Marília, constitui um programa de pesquisa liderado pela própria Prof.^a Dr.^a Maria do Rosário Longo Mortatti, cuja produção incide, dentre outras temáticas, sobre a história do ensino inicial da leitura e da escrita no processo de escolarização. Oferecendo minuciosa análise dos trabalhos desenvolvidos, defendidos e publicados pelo grupo, a autora constrói quadros explicativos que mapeiam o conjunto da produção, destacando seus enfoques e as diferentes ênfases dos trabalhos. Quanto ao conteúdo apresentado, esse capítulo evidencia a fertilidade teórica de equipes de pesquisas voltadas para programas de investigação compartilhada. Quanto à forma, o capítulo é exemplar por conferir ao leitor estudioso do assunto instrumentos conceituais e ferramentas metodológicas, capazes de fomentar investigações, desdobradas por novos territórios de pesquisa.

Estela Natalina Mantovani Bertoletti — em capítulo intitulado “Lourenço Filho, alfabetização e cartilhas: percurso e memória de uma pesquisa história” — elabora reflexão historiográfica para meditar acerca das possíveis correlações, impressas no ato de qualquer pesquisa histórica, entre passado, presente e futuro. Na sequência, trabalha a *Cartilha do Povo* e a cartilha *Upa, Cavalinho*, ambas de autoria de Lourenço Filho, voltadas para alfabetização. A propósito do tema, Bertoletti medita sobre o lugar específico ocupado pelas cartilhas como importantes suportes textuais da história dos modos de aprender a ler e a escrever nas escolas. A análise empírica é, portanto, enriquecida pela reflexão teórica, que, por sua vez, oferece elementos para debate dos textos e do contexto que os caracterizou.

O capítulo de autoria de Diana Gonçalves Vidal, Rachel Duarte Abdalla e Ana Luiza Jesus da Costa tem por objetivo demonstrar o conjunto das atividades desenvolvidas no interior do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em História da Educação (NIEPHE) da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e sua contribuição para a história da educação, mais especificamente, para a história da alfabetização no Brasil. Recorrendo às várias etapas de constituição da equipe, instaurada também no princípio dos anos 90, as autoras recordam a trajetória do grupo, sublinhando especialmente os trabalhos elaborados em dois momentos. Há uma primeira fase, na qual estudos sobre a infância e sobre a criança desdobraram-se em escritos sobre a transformação da criança em aluno e sobre a produção de uma história da escola primária conectada à história do ensino do ler e do escrever e à história da cultura material da escolarização. Trilhando perspectivas teórico-metodológicas mediadas pela história cultural, o grupo foi inovador por investigar os rituais, os modos de constituição dos usos e dos costumes da vida em escolas, em seus diferentes tempos e espaços. Isso produziu trabalhos sobre registros da caligrafia, sobre a organização, em salas de aula, dos primeiros escritos e das primeiras leituras. O programa de investigações efetivado pela equipe desdobrou-se, posteriormente, em outra vertente, relativa ao estudo de processos de alfabetização de jovens e adultos. O capítulo abarca também uma explicitação dos principais referenciais teóricos e metodológicos inscritos nas pesquisas do NIEPHE.

Norma Sandra de Almeida Ferreira e Lilian Lopes Martin da Silva discorrem sobre os estudos produzidos no âmbito do Grupo de Pesquisa Alfabetização, Leitura e Escrita - ALLE/Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). O levantamento feito pelas autoras quantifica os trabalhos produzidos na Faculdade de Educação da UNICAMP, repartindo-os por diferentes fases do grupo. As autoras desenvolvem panorama de diferentes tendências na produção acadêmica sobre a história do livro e da leitura. Alguns dos principais trabalhos desenvolvidos na equipe são diretamente mobilizados como eixos de orientações relativas às formas de ler, ou à guisa de práticas inscritas em diversos estilos de fontes primárias. Há notado destaque para a acepção de leitura e de escrita no âmbito do modelo de ensino graduado na escola primária

republicana, compreendido como um modelo de comunidade de leitores que partilham movimentos próprios de leitura acionados à luz de determinações normativas e de expectativas comuns. As autoras sublinham, ainda, o leitor escolar como sujeito portador de identidade própria. Qualquer leitor, quando procede ao ato da leitura, inscreve nele novos sentidos, reinventando seus traços e conferindo ao texto dimensões inauditas não previstas nas originais intenções do autor. A prática da leitura apresenta, por ser assim, uma inventividade a ser perscrutada em variadas formas de ler.

Lázara Nanci de Barros Amâncio e Cancionila Janzkovski Cardoso relatam a história do Grupo de Pesquisa em Alfabetização e Letramento Escolar (ALFALE) da Universidade Federal de Mato Grosso. A pesquisa aqui apresentada concentra-se na explicitação de livros de escrituração escolar e diários de classe, bem como as menções — feitas pelos mesmos documentos — a títulos de cartilhas e procedimentos considerados típicos da alfabetização. Destacando a periodização e as características dos dois registros, verifica-se como nos anos 70, do livro de escrituração escolar, instituiu-se o diário de classe; e o que isso significou do ponto de vista pedagógico e do ponto de vista administrativo.

Isabel Cristina Alves da Silva Frade — do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE)/Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais — estuda a alfabetização, indagando conceitos e tendências na produção desse campo. A criteriosa reflexão aqui apresentada fornece, nesse sentido, chaves conceituais para apreender os modos pelos quais a acepção de leitura é traduzida no cenário escolar. Percorrendo vasta produção, Frade trabalha tendências de história da alfabetização, mapeando orientações teóricas, métodos e abordagens. A autora destaca a ideia segundo a qual os modos individuais e coletivos de aprender a ler constroem representações e horizontes culturais. Nesse sentido, elabora reflexão singular e original, que oferece elementos para que se possam conferir novos recortes analíticos para o território da história da alfabetização. Depois, alguns registros da literatura são mobilizados, como exemplares da evidência dos indícios, em fontes menos óbvias, da história da educação e especialmente da história da escola.

Cláudia Maria Mendes Gontijo e Cleonara Maria Schwartz discutem a pesquisa produzida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Tomando por base a noção de texto desenvolvida por Bakhtin, as autoras debruçam-se sobre os significados inscritos na circulação de textos em diálogo com outros textos. A partir de sólido comentário sobre os sentidos traduzidos pelos diferentes textos, as autoras acentuam a dimensão de intertextualidade, mediante a qual o discurso é produzido por polifonia ou interlocução de várias vozes. À luz de tais orientações teóricas, o trabalho oferece criteriosa análise dos estudos produzidos no Estado do Espírito Santo, com destaque para os debates que tiveram lugar na imprensa sobre a polêmica dos métodos de ensino. Esse capítulo sublinha e enfatiza a polêmica entre os métodos analíticos e os métodos sintéticos, conferindo prioridade à discussão

acerca do método João de Deus, muito proeminente no debate pedagógico do Espírito Santo, no final do século XIX. As cartilhas de Francisco Midosi e a *Cartilha Sodré* — cada uma delas situada em sua época em Portugal e no Brasil, respectivamente — também são temas dessa pesquisa, que articula a discussão sobre cartilhas com a descrição de programas de ensino e orientações prescritivas acerca do tema.

Iole Maria Faviero Trindade — do Núcleo de Estudos sobre Currículo, Cultura e Sociedade (NECCSO) e da linha de pesquisa Estudos Culturais e Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul — desenvolve o que qualifica por “caminhos e descaminhos investigativos do NECCSO”, no âmbito da produção institucional e acadêmica na área da alfabetização. Refletindo sobre a produção teórica do campo, a autora aprofunda-se na interpretação da alfabetização como processo de firmamento de subjetividades. Se a aquisição da língua escrita constitui um modo de construção simbólica da realidade, o estudo aqui narrado pautou-se no acervo de cartilhas organizado pelo NECCSO, o qual contribui de maneira bastante singular para o desenvolvimento de investigações acerca do trajeto simbólico e concreto dos modos de ensinar e de aprender a ler e a escrever no Estado do Rio Grande do Sul.

Eliane Peres, em belo trabalho sobre a história da alfabetização no Estado do Rio Grande do Sul, debruça-se sobre a contribuição do Grupo de Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (HISALEs), inscrito no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. A autora expõe a construção e o desenvolvimento do HISALEs, destacando a correlação entre as formas de ensinar a ler e a escrever e o uso de cartilhas escolares, bem como de livros de primeira leitura. O relato explicita a narrativa da trajetória da equipe responsável pelo desenvolvimento e pelo conjunto da produção acadêmica do HISALEs. Demarcando com clareza rastros e roteiros do programa de pesquisa, bem como os critérios e diretrizes norteadores dos trabalhos elaborados pelo referido grupo de pesquisadores, a autora destaca investigação no campo da história oral voltada para trabalhar memórias de alfabetização de sujeitos letrados. Além disso, esse capítulo abarca também reflexão sobre o acervo do HISALEs, integrado por livros escolares de primeira leitura e por manuscritos — cadernos de planejamento de professoras alfabetizadoras, cadernos de classe e outros tipos de materiais didáticos.

O capítulo escrito por Maria Arisnete Câmara de Moraes e Francinaide de Lima Silva aborda a leitura e a escrita no Estado do Rio Grande do Norte, nas primeiras décadas do século XX. Para tanto, esse capítulo parte de trabalhos elaborados sobre o assunto no Grupo de Pesquisa História da Educação, Literatura e Gênero. As fontes mobilizadas são basicamente regimentos escolares, diários de classe e instruções do Diretor Geral de Instrução Pública, os quais revelam e prescrevem maneiras de instruir e de educar as crianças, inscritas nas normas oficiais e em práticas escolares. Cartilhas,

caligrafias e “lições de coisas” também são temas aqui explorados como indícios que registram modos de agir para se ensinar a ler e a escrever no Estado do Rio Grande do Norte de princípio do século passado.

Cecília M. A. Goulart discute questões teóricas e metodológicas relativamente ao histórico da alfabetização da rede escolar municipal de Niterói/RJ. Vinculada ao PROALE — Programa de Alfabetização e Leitura — ligado à Universidade Federal Fluminense, a pesquisa envolve documentos escritos e fontes orais na busca de delineamento do modo pelo qual o material didático de alfabetização se articula com distintas dimensões da prática do ensino inicial da leitura e da escrita.

Em todos os trabalhos, nota-se a busca de elaboração de sínteses. Todas as autoras propõem-se a aclarar o ensino e o aprendizado da escrita e da leitura em diferentes textos e contextos, por variadas chaves conceituais, mediante sua inscrição histórica. Aprender a historicidade dos modos passados de ensinar a ler e a escrever supõe, na outra margem, trabalhar algumas questões que, indagando o futuro, desafiam o tempo presente. Quais as repercussões políticas do debate acerca do ensino da leitura ao longo do período estudado? Quais enfoques foram dados à discussão acerca dos métodos para o ensino do ler e do escrever? Como representações coletivas e plurais constituíram elementos simbólicos que se traduziram ou foram apropriados por práticas das ações cotidianas? Qual a atualidade da polêmica clássica entre o ensino de marcha analítica e o chamado método sintético para o ensino da leitura?

Finalmente, seria possível, por meio da reconstituição das formas passadas de ensinar a ler e a escrever, obter informações sobre práticas de ensino bem-sucedidas? Seria factível, talvez, pelo registro do que passou, obter dados que nos permitam avaliar métodos e técnicas de ensino? Como alfabetizar bem? Poderemos, pela matriz historiográfica, conseguir elementos que venham a iluminar políticas de alfabetização do futuro? Em outras palavras: será plausível interpretar o discurso historiográfico acerca da alfabetização e, a partir dele, obter conhecimento capaz de ser mobilizado no discurso educativo do tempo presente? Ou será isso apenas anacrônica ilusão pedagógica? O traçado desse conjunto de pesquisas oferece uma grade de compreensão daquilo que vem sendo produzido no Brasil nos últimos anos. Os diferentes grupos de pesquisa registrados nos diversos capítulos deste livro demonstram aqui sua contribuição e atualidade. Mas há um futuro que pode ser construído pela integração e pela articulação de projetos e de resultados de pesquisas já consolidadas. A intenção de erigir um panorama nacional da história da alfabetização certamente esteve inscrita como objetivo da Prof^ª. Dr^ª. Maria do Rosário Longo Mortatti, quando se propôs a organizar o I Seminário Internacional sobre História do Ensino de Leitura e Escrita (I SIHELE) e quando teve a ideia de publicar este livro. A primeira pedra dessa construção foi aqui lançada. O leitor, pela leitura, certamente confirmará a expectativa de que este livro traduz-se como momento de chegada, mas também como ponto de partida de uma nova expedição.